

Jornal do FEDERAL

Informativo do Conselho Federal de Psicologia

Ano XIV Nº59 IV bimestre de 1999

Impresso

Uma festa para 100 mil psicólogos

Via
Embratel

27/08/99
de 9 às 12h
horário de Brasília

100.000

A Festa Nacional do Dia do Psicólogo, 27 de agosto próximo, será a ocasião para uma grande confraternização, um momento de encontro e de troca de experiências ou, simplesmente, de descontração e de rever colegas, ao vivo ou na telinha. Nosso dia poderá ser festejado em qualquer parte do País e estaremos participando, ao vivo, da atividade, graças aos recursos de multimídia, que permitirão envio de mensagens via e-mail, fax e telefone.



**A frequência de transmissão da Embratel é:
transponder 6A1 na frequência 3910MHz, com polarização horizontal.**

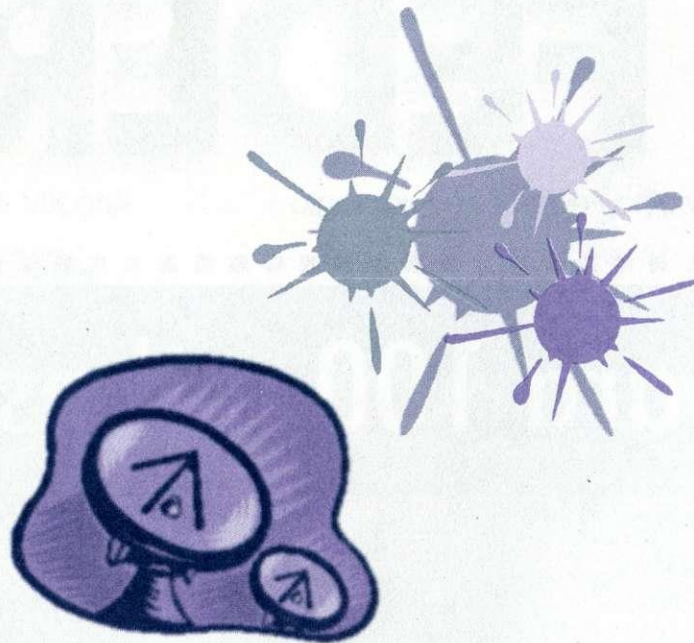
3 *Juventude e Violência na Mídia: a Satanização do Tema nas Escolas.*

6 *Sigilo do Profissional Psicólogo: Qual o Limite e Quando ele Pode Ser Quebrado?*

11 *Carta de Uma Jovem Estudante Sérvia: Reflexões Sobre a Violência Política*



compareça
Informe-se com
seu regional



Festa para comemorar o dia do Psicólogo, em 27 de agosto!

Houve um tempo em que nos perguntávamos, com frequência, se havia motivo para qualquer tipo de comemoração, em datas como a de 27 de agosto. Apontávamos que havia desemprego grassando entre os trabalhadores, que os salários eram baixos, as condições de trabalho eram ruins etc.

Hoje, estamos querendo festejar. Mas o que mudou? A situação do país e dos psicólogos não mudou: desemprego, salários baixos, péssimas condições de trabalho e um enorme esforço de resistência às políticas desreguladoras e privatizantes do governo que aí está. Por que então queremos festejar?

Talvez tenhamos ultrapassado um período de políticas carrancudas. Talvez a perspectiva da virada do milênio nos coloque mais de frente para o futuro e nos dê ânimo para buscar novos tempos em nosso planeta Terra. Seja lá qual for a justificativa, o que importa é que vamos fazer uma festa.

Ela será via Embratel, no dia 27 de agosto, pela manhã, e poderá ser assistida pelos 100 mil psicólogos do Brasil. Não falte, você é um deles.

E como pretendemos comemorar esse dia? Contribuindo para que os psicólogos possam se preparar para a virada do milênio com compromisso social. Acreditamos que é preciso dedicar esforços em nossa ciência, em nossa profissão e em nossa organização política para ampliarmos nossos vínculos com a sociedade, que abriga nosso trabalho, buscando melhorar as condições de vida que ela apresenta para a maioria de sua população. Somos profissionais da vida e precisamos ter em nosso trabalho um instrumento forte de luta por ela. Estarão conosco, na festa, os 15 Regionais de Psicologia, várias entidades brasileiras e da América Latina e psicólogos que têm feito do exercício da profissão, da produção da ciência psicológica e da organização da categoria um espaço para o desenvolvimento de um compromisso, com a sociedade, de transformação das condições de vida.

Temos, sim, o que comemorar: nos orgulhamos de nossa categoria que dedica seu trabalho à transformação da sociedade e das condições de vida de nossa população. Queremos que esta seja a marca da Psicologia no século que se iniciará.

Presidente
Ana Mercês Bahia Bock

Vice Presidente
Marcos Ribeiro Ferreira

Expediente

Secretária Geral
Iana Celi Silva Bezerra

Tesoureiro
José Carlos Tourinho e Silva

Secretário da Comunicação
Sérgio Antônio da Silva Leite

Secretária de Orientação e Ética
Carmem Rodrigues Paulino

Secretário da Região Norte
João Bosco de Assis Rocha

Secretária da Região Nordeste
Laeuza Lúcia da Silva Farias

Secretária da Região Centro Oeste
Maria de Lourdes Jeffery Contini

Secretário da Região Sudeste
Ricardo Figueiredo Moretzsohn

Secretária da Região Sul
Ana Luiza de Souza Castro

Suplentes
Adelaide Borges Oliveira
Álvaro Luiz de Aguiar
Ana Maria Jacó-Vilela
Ernesto José dos Santos
Juliete Arênio
Marcos Vieira Silva
Marcus Vinicius de Oliveira Silva
Maria Marques Rodrigues Sátiro
Marla Elizabeth de Souza
Rosa Maria Benedetti Albanezi

Coordenador editorial
Sérgio Antônio da Silva Leite

Jornalista responsável
Fausto Freire
Reg. Prof. 2903/13/58 DF
News Solos Assessoria de Imprensa

Projeto Gráfico, arte e diagramação
Sandra Cardoso Lopes

Tiragem: 102 mil exemplares
Distribuição gratuita
SRTVN Edifício Brasília
Rádio Center s/4024
CEP 70719 900
Fones: 061 328 1814 061 328 1946
Fax: 061 328 1728
E-mail: federal@rudah.com.br
home-page:
<http://www.psicologia-online.org.br>

Cartas

Quero parabenizá-los pela resolução sobre a sexualidade. Qualquer psicólogo que entende o objetivo da terapia agirá conforme tal. Portanto, seria importante também "resolução?" a respeito da religiosidade. Se o psicólogo não tem o direito de interferir na escolha sexual do paciente, também não tem o direito de recriminar usos e costumes de quaisquer religiões. Sou psicóloga e evangélica.

É impressionante como os usos e costumes incomodam muitos psicólogos, a ponto de deixar de trabalhar o conflito que o paciente traz, e querer trabalhar a forma que a pessoa se veste, usa seu cabelo, etc. Será que esses psicólogos sabem o objetivo da terapia? Passei por esta situação quando era estudante de psicologia, recebo várias queixas referentes a esta "falta de ética profissional".

Eliete Palhares S. Benetti CRP 06 / Catanduva-SP

Gostaria de agradecer não só pela atenção dispensada a minha pessoa, como pelo envio da revista, que foi de grande utilidade para a pesquisa que estávamos realizando. Parabéns pelo site e pela contribuição que vocês estão dando para os amantes da psicologia.

Rosana Cerosino

Gostaria de pedir maior representatividade desse Conselho perante a Assembléia Legislativa, pois nós psicólogos precisamos de Leis que nos amparem, e fortaleçam nossa profissão. O mercado de trabalho está cada vez mais difícil com a atual situação do país, o que já é sabido, que de clínica não vivem mais os psicólogos. Os mesmos, atualmente andam procurando outras formas de sobrevivência em outras áreas, que também, aos poucos andam sendo substituídos, como o caso de RH, onde um administrador sempre leva vantagem sobre um psicólogo, na contratação. E, o que é pior ainda, muitos estão abandonando a profissão.

Paulo Vinicius betsy@bignet.com.br

Nota da Redação

O CFP mantém uma assessoria parlamentar no Congresso Nacional, para o acompanhamento permanente das matérias de interesse da categoria.

Os artigos assinados não são de responsabilidade do CFP

Escreva para esta coluna, através do endereço:
SRTVN Edifício Brasília Rádio Center s/4024 A Brasília DF
CEP 70719 900 E-mail: federal@rudah.com.br

Tendências & Debates

Juventude e Violência na Mídia: a Satanização do Tema nas Escolas.

A questão da violência urbana entre jovens, tornou-se um tema recorrente nos meios de comunicação, onde é apresentada como uma espécie de epidemia, alastrando-se nas camadas pobres e ricas indiscriminadamente.



A mensagem de medo e insegurança, repetida com insistência, promove o pânico e instala o sentimento de que o mundo está fugindo do controle.

A violência dos pobres só começou a chamar a atenção na sociedade quando deixou de ser endêmica, manifestando-se além dos bairros periféricos, conseguindo alterar a tranquilidade dos "cidadãos". Sempre houve certas doses de indiferença estatal em face de formas violentas de resolver conflitos entre a população da periferia dos grandes centros urbanos. Mas, quando esses fatos incomodaram a vida da classe média, a ordem legal estatal se fez presente com seu poder repressivo.

Já a violência entre os filhos das "boas" famílias preocupou desde o início. Jovens brasileiros que atearam fogo no índio da tribo dos Pataxó, sob a justificativa de tê-lo confundido com um mendigo. Jovens universitários que num trote acabaram com a vida de um companheiro. Gangues de lutadores, treinados em academias, que mataram outro jovem exercitando suas técnicas, e assim por diante. Perante estes e outros fatos, todos os profissionais foram chamados a refletir sobre o que estaria acontecendo com meninos bem alimentados e cuidados, fartos de parafernália tecnológica, que achavam graça quando mendigos ou levando a pancadas a outros jovens iguais a eles. Mais uma vez tremeu o nexo interpretativo da relação entre a violência e a miséria. Mais uma vez a sociedade encontraria justificativas para sua infinita insensibilidade diante do aprofundamento das desigualdades sociais.

Logo, as notícias sobre jovens ricos e violentos deram espaço a outras manchetes sobre episódios de violência juvenil acontecidos dentro ou nas imediações das escolas públicas. A transformação da violência escolar em mercadoria altamente vendável foi levada aqui ao paroxismo. A violência nas escolas passou a ser tema obrigatório para a população. Ondas de medo geradas irresponsavelmente foram convertendo escolas e imediações em territórios ocupados pelas forças do mal. Tal como se os estabelecimentos fossem imãs para a manifestação dos atos mais atroz. A mídia conseguiu construir o lugar da violência e o local do combate a violência, como se esta estivesse claramente delimitada num espaço da sociedade. Pobreza, drogas, malandragem, violência, fatores apresentados como o entorno da escola pública. Uma escola mostrada pela mídia como destinada a defender-se de si mesma, e de seus próprios filhos.

Mídia e eleições que entronizaram por segunda vez ao Presidente F. H. C., conseguiram produzir uma teatralização da mobilização do poder Estatal em prol do combate à violência nas escolas do país. Mas, passadas as eleições, pouco ou nada foi feito por falta de recursos para viabilizar o discurso.

O problema é mais profundo. Na verdade, não existe o "locus" da violência. Ela se espalha pela

sociedade, transforma-se num *modus vivendi*, aparece como produção nova: violência de meninos ricos. Descobre-se nos lares onde sempre existiu, recupera-se nas suas formas antigas (violência política entre facções partidárias), agiganta-se pelo uso de armas modernas, e assim por diante.

Preocupada com a venda de uma mercadoria que atraísse o maior número de clientes, a mídia adotou uma postura maniqueísta separando bons de um lado, ruins do outro, na apresentação da violência. Ressalte-se que a incompreensão dos fatos produz uma sorte de impotência. Com isto, assinala-se que a resposta da mídia aos sinais do mercado, que enfatizam as necessidades de manter a atenção de grande público, a qualquer custo, retificam as situações, levando a maior alienação na população e, paralelamente, à inação.

O tratamento da violência na mídia, transforma informação em show. Uma espécie de exigência do mercado, que parece se impor cada vez mais aos profissionais mencionados como comunicadores. Não interessa construir mensagens que estimulem a indagação do público; o central é manter a atenção, seja pelo divertimento, seja pelo constrangimento, seja pela mobilização de sentimentos, reprimidos no trabalho, como o ódio, o desejo de vingança, a destruição do outro por meios truculentos, a tortura e aí por diante.

Uma pesquisa do Laboratório de Psicologia do Trabalho da UNB, levada a cabo durante o ano 1996, mostrou que os ataques ao patrimônio público eram numericamente mais importantes que as agressões interpessoais, no conjunto das escolas dos estados. Mas, nos últimos tempos, a mídia vem apenas apontando para a incidência da violência interpessoal.

É possível entender este comportamento, por parte da mídia. As agressões interpessoais mobilizam mais a atenção dos telespectadores. A veiculação das agressões pessoais, manchas de sangue, olhos roxos e outras sinais de espancamento, permitem produzir imagens e textos que capturam uma audiência bem maior que a atraída pela destruição do patrimônio público.

Os programas dedicados a mostrar o crime utilizam cada vez mais a simulação para a reconstrução dos fatos truculentos, com a participação de artistas, trazendo para o público a experiência virtual da violência, despida do terror que acompanharia a visualização in loco do fato. Do início ao fim as cenas agem como disparadores do ódio nos telespectadores. O instante do crime sempre é mostrado buscando a ruptura da sociedade em dois bandos nitidamente antagônicos: os bons e os ruins. O discurso enfatiza a inoperância da justiça, situação que produz o sentimento de fazer justiça por si mesmo e o desejo de vingança. Trabalha-se muito com a idéia de que o problema da violência é o problema da impunidade. Como se a ausência de punição severa determina-se o incremento desses fatos. Observe-se, no entanto, que esse enfoque sempre é relativo aos transgressores mais pobres da sociedade.

A mídia propõe o efeito deletério do ocultamento da realidade porque não permite que a população avance na compreensão do fenômeno.

Assim, ela incentiva a violência de uma forma obscura: influencia os sentimentos de vingança e oferece a violência como mercadoria a ser consumida no dia a dia, tudo isso misturado a um falso discurso crítico sobre a violência.

Por que os telespectadores são poupados das imagens da violência no campo, que denunciariam a dimensão social-histórica da falta de justiça trazendo à tona a discussão sobre a ausência de cidadania no Brasil? No caso do tratamento dado aos episódios da violência urbana, a mídia trabalha preferencialmente com a mensagem de que a justiça no Brasil não funciona, porque não pune os culpados pelos crimes e, por isso, acaba incentivando a vingança pessoal, uma sorte de "vendetta" interpessoal e intergrupala. Assim, o tema da justiça é reduzido à punição dos indivíduos por transgressão grave cometida.

O tratamento que a mídia tem dado a questão da violência produz um efeito político de desmobilização, por falta de compreensão do fenômeno. Isto gera necessidade, reclamo e procura de maior segurança. Pede-se mais policiamento, erguem-se fortalezas, andam-se armado e desconfiado. As notícias de assaltos, seqüestros mostrados pelo lado íntimo, com fotografias de álbuns familiares, (as que têm sentido para quem conhece a história), deixam o telespectador com a sensação de estar sentado num barril de pólvora. A realidade é assim mostrada de forma caótica.

Por isso, a mídia mostra-nos a fachada da realidade, ela não está preocupada com elaborar elos de inteligibilidade aos fatos, na medida em que o desvincula da trama de relações sociais que o faz compreensível. Outro elemento eloqüente nesta visão distorcida da violência é a importância desmedida dada pela mídia a episódios de violência envolvendo jovens da classe média. O tratamento é bem diferente. Nestes casos, são chamados especialistas para discutir e elaborar teses sobre a questão. Este tratamento evidencia a face mais preconceituosa dos veículos. De fato, foram chamados especialistas para discutir o porque das atrocidades realizadas por jovens bem cuidados. Foram chamados pais, sacerdotes e aí por diante. Alguma coisa cheirava mal na educação dos rebentos.

Já, em face da violência dos mais pobres, produzem-se programas destinados a mostrar o caos, a falta de segurança e as falhas da justiça penal no Brasil. Ninguém reúne pais, sacerdotes, psicólogos, etc. para analisar a violência dos miseráveis no Brasil. Por uma sorte de negação, antes de chamar a sociedade para pensar o porque, se grita por mais segurança e justiça, entendida como punição. Para uns, tratamento psicológico, para outros, carcerário, ou, até a pena de morte.

Políticas Públicas Brasil: O Retrocesso no Desenvolvimento Social e a Responsabilidade do Psicólogo

A Revolução Francesa de 1789 inaugurou um novo tempo para nossa civilização. Não pela imposição de seu calendário revolucionário, que pretendia varrer com todo e qualquer vestígio da história monárquica. Em realidade, o calendário dos Jacobinos não resistiu aos embates do tempo. A principal importância da Revolução Francesa para a humanidade está no legado da Declaração dos Direitos do Homem, primeiro esboço do que viria a ser a carta da cidadania, da igualdade de direitos, do respeito à dignidade humana. Com seu lema de liberdade, igualdade e fraternidade,

os revolucionários da Bastilha resgataram os ideais iluministas e aportaram uma bandeira para todos que desejam um mundo mais justo e solidário. No Brasil, esta semente tardou bastante a germinar. Foram longos os anos de chumbo e a reconquista dos direitos fundamentais só veio à luz com muita

luta, frustração e persistência. De frustrações sabemos bastante, os últimos anos foram pródigos... Mas a luta e a persistência têm perseverado.

Muitas foram as promessas, em matéria de políticas públicas, para retirar o Brasil da

infamante condição de liderança na desigualdade social. Recente estudo publicado pela ONU, mostra como o País retrocedeu em termos de desenvolvimento social. Disputamos, para nossa vergonha, com países como a Uganda, o Sudão a Somália e Bangladesh.

Mas, se por um lado, os acólitos do neoliberalismo continuam insistindo em que não pode haver desenvolvimento social sem equilíbrio monetário e que, em primeiro lugar, devemos nos dedicar às questões do mundo financeiro (leia-se especulativo), para depois desfrutar dos prazeres do primeiro mundo, por outro lado, cresce o contingente dos que se engajam na luta do mundo real contra a injustiça, o abandono e a iniquidade.

O sociólogo Emir Sader, em artigo recentemente publicado no Correio Braziliense, apontava para a degradação das condições de vida do brasileiro: o enfraquecimento do movimento sindical, combinado com o desemprego, que supera os 20% em São Paulo e as ameaças constantes contra os direitos adquiridos, reduziram de forma dramática a capacidade de mobilização dos trabalhadores. Nossa categoria não é uma exceção a essa regra. Diante desse quadro, o que se poderia esperar, em termos de desenvolvimento social em relação a uma política agrária que democratize o acesso à terra? Mas, para surpresa de muitos, os assentamentos dos trabalhadores sem-terra são, hoje, as únicas partes do País, aonde todas as crianças estão na escola. Esses núcleos, espalhados por dezenas de estados, mantêm 950 escolas públicas de 1ª a 4ª série e 50 escolas de 5ª a 8ª. São escolas regulares, reconhecidas pelo MEC,

onde trabalham 1.800 professores e estudam 40 mil alunos, além de 600 monitores de alfabetização, dedicados a 8 mil jovens e adultos. Citando o professor Todorov, ex-reitor da UnB, atual responsável pela campanha de alfabetização do Ministério da Reforma Agrária, Sader acrescenta: O movimento (dos trabalhadores sem terra) está fazendo pelo ensino no campo o que nunca se fez em 500 anos de história.

Exemplos assim mostram que a esperança está mais viva que nunca, apesar da indiferença e do descaso das autoridades ditas competentes. Mas, existem outros. São muitos os testemunhos que podemos resgatar em nosso próprio meio profissional. Podemos afirmar, com orgulho, que o Psicólogo brasileiro não está assistindo passivo ao desgoverno e a improbidade. Suas práticas profissionais são excelentes exemplos, como o do Projeto Brasil Criança Cidadã, "Banda Pau-e-Lata", desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Baía Formosa/RN; o do serviço de atendimento às vítimas de violência doméstica - Porto Alegre, Rio Grande do Sul; o dos trabalhos de atendimento a grupos em comunidades voltadas para os excluídos, como meninos de rua e drogados em São Paulo, e muitos outros que estaremos focalizando e divulgando, para a comunidade dos Psicólogos brasileiros, durante a Festa Nacional do Dia do Psicólogo.

O objetivo é mostrar que, quando o poder central se mostra incapaz ou se omite, as políticas públicas passam a depender muito mais diretamente de toda a sociedade organizada, que passa a ser a principal responsável pelo encaminhamento.

Contatos

Projeto Brasil Criança Cidadã- Banda Pau-e-Lata.
Prefeitura Municipal de Baía Formosa/RN. Psicólogo responsável: Luiz de França Pereira da Silva. Av. Manoel Deodato, 599 - Torre Ed. Tower Center - Sala 301 a 307, João Pessoa, Paraíba / PB Cep 58040-181. Telefone para contato 0(83) 224 5808 - Fax 0 (83) 244 4246 - e-mail cpr13@netwaybbs.com.br

Serviço de Atendimento a vítimas de violência doméstica - DML - Departamento Médico Legal Av. Ipiranga, 1807 Bairro: Santana- Porto Alegre -RS, Fone: (51) 218-2679 e (51) 218-2654
Psicóloga: Ana Cristina Santos Mitidiero

Sedes Sapientiae:
Rua Ministro Godoi, 1484 Perdizes- São Paulo- SP
Fone-Fax: 3873-2314
Informações na Home Page do Sedes Sapientiae:
<http://www.sedes.org.br>
Psicóloga: Doralina de Carvalho.

Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua / Santa Catarina - CRP 12 e-mail: cmoraes@fastlane.com.br - Grupo em comunidade com excluídos, prostitutas, meninos de rua e drogados - CRP 06 - Rua Borges Lagoa, 74 Cep 04038-000 - Vila Mariana. Telefone 0 (11) 574 7133 Fax 0 (11) 575 0857

Hominis 99

A Sociedade Cubana de Psicologia e o Comitê Preparatório da Convenção HOMINIS 99 que congrega diversas outras entidades cubanas da área de psicologia e áreas afins, estão promovendo uma série de eventos, voltados para o debate e a reflexão sobre as expectativas e as demandas colocadas pelas ciências humanas, particularmente a psicologia, na virada do século. Entre os eventos mais significativos podemos citar o COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS DA PSICOLOGIA "PRESENTE E FUTURO NA PESQUISA QUALITATIVA" cuja proposta é reforçar a reflexão epistemológica para a consecução das metas práticas e aplicadas das ciências sociais.

- Congresso Latino Americano De Psicologia "contorno E Perspectiva Latino Americanas De Psicologia"
 - V Simpósio Internacional De Psicologia Da Direção E Do Desenvolvimento Organizacional
 - Colóquio Internacional Humanismo E Desenvolvimento Humano e outros eventos relacionados com a psicologia e o desenvolvimento das ciências humanas.
- Os interessados poderão obter maiores informações pelos telefones: 21-5199/ 22-6011 extención 1514. Fax 21-9496/ 22-8382, ou pelo e-mail eva@palco.get.cma.net

Nosotros

XXVII Congresso Interamericano de Psicologia: Rompendo com o Isolamento Cultural

Nosotros, brasileiros, estamos há 500 anos voltados para o oceano Atlântico. Sempre consideramos que de lá chegavam os sopros da civilização.

Desde os primeiros colonizadores, os primeiros piratas, os bucaneiros, os traficantes de matérias primas, os tratadores de escravo, tudo vinha do norte, pelo mar, por onde também escoavam nossas riquezas e esperanças. Esta era a cara do progresso na versão colonial, neo-colonial e mais tarde, imperial. Nem mesmo as Entradas e as Bandeiras, que levaram nossas fronteiras para o oeste, nos fizeram olhar para os Andes ou para o sul, aonde outros povos amargavam o mesmo destino subordinado aos interesses do norte. Crescemos, ignorando nossos *hermanos* de continente e de infortúnio. Pouco sabemos sobre suas culturas, suas lutas, seus heróis, seu desenvolvimento científico, suas propostas de vida e de humanidade. Não podemos esperar do neo-liberalismo, com sua visão distorcida do mundo real, que reduz as relações de produção e as relações internacionais em transações que visam unicamente o lucro, uma postura diferente.

O Conselho Federal de Psicologia, a exemplo de muitas outras entidades engajadas com a transformação social, está firmemente empenhado em romper com essa perversa tradição de isolamento. Neste sentido, estamos multiplicando contatos e intercâmbios com entidades similares do Continente. Assim, estivemos participando do XXVII Congresso Interamericano de Psicologia, de 27 de junho a 2 de julho, em Caracas, Venezuela, em nome do Conselho e realizamos contatos com outras entidades, divulgamos nosso trabalho no Brasil e debatemos a articulação dos psicólogos da América Latina.

Para o Brasil, que vem tendo uma presença tímida nesse espaço, nossa participação foi muito importante. Pudemos inaugurar um diálogo com a direção da Sociedad Interamericana de Psicología - SIP - e, começamos a fazê-lo com a American Psychological Association - APA. Contribuímos para que o Brasil estivesse mais presente, de forma clara e firmemente posicionado. Nossa organização política tem sido motivo de muito interesse por parte dos psicólogos de outros países e nossas intervenções favoráveis a uma articulação das entidades latino-americanas de psicologia tem sido elemento de debate e de inauguração, nesses espaços como a SIP, de um novo discurso. Nosso método de trabalho, transparente e de intervenções políticas claras, tem sido valorizado e visto, por alguns, como substituto de um método de conchavos, que acaba tendo pouca eficiência política e contribuindo pouco para o fortalecimento das entidades de Psicologia.

Avaliamos que a participação foi importante e aproveitamos para agradecer, publicamente, a parceria do conselheiro Odair Furtado (CRP06) que, conosco, ajudou a inaugurar novas relações em nome dos psicólogos brasileiros.

Nossa participação no XXVII Congresso Interamericano de Psicologia envolveu uma postura de comprometimento explícito com algumas das causas

mais relevantes de nosso continente. O bloqueio americano à Cuba, por exemplo, inspirou uma tiragem de cartazes em espanhol, português e inglês, repudiando firmemente a ação criminosa dos Estados Unidos, contra a autodeterminação de um povo irmão e soberano. Esta tiragem foi deliberada como proposta do Brasil por mais de 30 entidades brasileiras da área de psicologia. Avaliamos que foi uma intervenção bastante correta que chamou a atenção de todos e teve excelente repercussão. Os cartazes estavam assinados pelo Comitê de Psicólogos do Mercosul e Países Associados. Distribuímos, também, pequena brochura com os protocolos de intenções assinados entre as entidades de psicólogos do Mercosul e países associados. Participamos de várias reuniões que ocorreram durante o Congresso: reunião de editores de revistas de Psicologia, reunião de entidades de Psicologia, reunião de publicações recentes, reunião de entidades latino-americanas de Psicologia, reunião de diretores das escolas de Psicologia, feira de Psicologia comunitária.

Fizemos contatos com várias entidades de Psicologia na América Latina buscando fortalecer os preparativos para a reunião que deverá ocorrer em setembro, em Buenos Aires, convocada por entidades nacionais de psicólogos da Bolívia, da Argentina, do Uruguai, Paraguai, Chile e Brasil. Realizamos reuniões do grupo coordenador dos psicólogos do Mercosul e Países Associados que estavam presentes ao Congresso. Fizemos reunião com professores da Universidade Simón Rodríguez, que têm uma experiência muito interessante e revolucionária de formação de educadores, onde fomos recebidos por um grupo de professores coordenados pelo Prof. Lúcio Segovia. Participamos da mesa do Simpósio sobre a "Formação de Psicólogos nos países do Mercado Comum do Sul - Mercosul", representando o Brasil.

Nessa mesa coordenada por Maria Cristina Di Domenico, da Argentina, fomos representados por Maria de Lourdes Jeffery Contini. Os países do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai), e países Associados (Chile e Bolívia), expuseram a situação atual dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia, e as conseqüências das práticas profissionais que se derivam dos modelos de Formação de psicólogos. No que se refere ao Brasil, a ênfase foi colocada na proposta de Diretrizes Curriculares da Comissão de Especialistas em Psicologia e também da ampla participação das Entidades da Psicologia no Brasil no processo de discussão e contribuição para a formulação final de tal proposta. Os dados apresentados sobre a Pós-Graduação foram apoiados pelo documento da última avaliação da Capes/1998, realizada pela Comissão de Consultores, que considerou ter ocorrido avanços importantes na Pós-Graduação em Psicologia no país. É importante ressaltar que, todas essas discussões de

dados da realidade brasileira, foram abordadas dentro do contexto em que estamos vivendo, do fortalecimento da política neo-liberal, imposta pelo Banco Mundial à América Latina, em especial ao nosso País. Entendemos que a nossa participação foi importante para divulgar o *estado da arte* da formação de psicólogos no Brasil junto aos outros países do nosso Continente, presentes no Congresso.

Participamos ainda da mesa de Ética que, por proposta dos seus organizadores, enfatizou o cuidado com a Ética na investigação psicológica. O representante brasileiro, psicólogo Marcos Ferreira, informou que esse assunto é tratado marginalmente no



código de ética do Conselho de Psicologia. Acrescentou que, por proposta da ANPEPP, pretendem desencadear a construção de uma Resolução do CFP, regulamentando as exigências éticas para a pesquisa psicológica. Inicialmente, a pesquisa com seres humanos é regulamentada, no Brasil, por meio da Resolução 196, do Conselho Nacional de Saúde. O representante brasileiro ressaltou a insuficiência dessa Resolução por ser muito parecida com os postulados norte americanos que não se adaptam à realidade brasileira. Por último, o representante brasileiro propôs um esforço conjunto dos diversos países, para regulamentar o tema, com o fim de fazer cessar o que considerou postura "hipócrita" dos países mais desenvolvidos que apontam um desinteresse por parte dos países latino-americanos, ao mesmo tempo em que organizações de seus países se aproveitam do baixo nível de controle sobre a pesquisa na América Latina. Como disse a Presidente do Conselho Federal de Psicologia, Ana Bock, talvez tenha chegado a hora do Conselho criar um grupo permanente de conselheiros, devidamente habilitados, para cuidar de relações internacionais.

Ciência & Ética

Sigilo do Profissional Psicólogo: Qual o Limite e Quando ele Pode Ser Quebrado?



O sigilo faz parte do Código de Ética profissional do Psicólogo. A privacidade da pessoa atendida está definida claramente entre os seus deveres. Em diversas atividades humanas, o sigilo profissional é um elo importante, pela relação de confiança estabelecida entre agentes e pacientes. No exercício profissional da Psicologia, este elo torna-se um elemento fundamental, uma condição *sine qua non*, cuja inobservância colocaria em questão a própria essência da relação. Mas, é importante lembrar que um código de normas explícitas, ainda que necessário, não pode proporcionar soluções "pré-fabricadas", pois as normas morais, das quais é tributário, se concebem como atitude, qualidade e valores que, por sua temporalidade e subjetividade, devem ser apreciados como critérios da consciência, que não poderão jamais ser

reduzidos a um *codex* rígido e estático.

O Código de Ética aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, em sua exposição de motivos, enfatiza: "É importante lembrar que o agir ético vai além do pensar bem e honestamente, como uma ressonância de um mundo individual e pessoal, mas exige, ao mesmo tempo, que a consciência, que 'é uma síntese ativa em perpétua realização', se manifeste de modo explícito através de ações claras e visíveis". Na seção dedicada ao sigilo profissional, vemos que este "protegerá o atendido em tudo aquilo que o Psicólogo ouve, vê ou de que tem conhecimento como decorrência do exercício da atividade profissional (Art. 21).

Assim sendo, o sigilo do profissional Psicólogo é um preceito básico. Mas, em que circunstâncias ele pode ser quebrado? Com respeito à quebra do sigilo, o Código, embora admita sua possibilidade, limita sua aplicação apenas

*O agir ético vai além do
pensar bem e
honestamente, como uma
ressonância de um mundo
individual e pessoal*

ao 'fato delituoso', quando a gravidade de suas conseqüências, para o próprio atendido ou para terceiros puder criar, para o Psicólogo, o imperativo de consciência de denunciar o fato (Art. 27). A privacidade do atendido fica assegurada pelo sigilo profissional e este, determinado pela



consciência do Psicólogo.

A preocupação com a privacidade da pessoa, ademais, está presente na Constituição Brasileira de 1988. A Carta Magna, em seu Art. 5, parágrafo X, prevê que "são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação".

Em relação à atividade profissional do Psicólogo, vemos que existe grande clareza quanto ao que deva ser protegido pelo sigilo e quanto ao que é considerado inviolável na vida da pessoa, tanto no direito quanto no Código de Ética. Porém, a realidade não tem compromisso com as normas humanas. Teimosamente, ela insiste em confrontar-nos com situações imprevistas, colocando à prova nossas edificações conceituais. O discurso da ética em sua prática e em sua prática teórica, é um **devenir** incansável. Não pode haver fórmula estática que ofereça soluções prontas e acabadas. Assim como a própria consciência humana, nossos códigos estão em constante mutação, buscando sempre o necessário equilíbrio. A ética, como Ciência dos Costumes, trata dos deveres sociais do homem e de suas obrigações interpessoais na comunidade.

Não seria sensato imaginar que um tal tema poderia esgotar-se nos limites de uma reflexão jornalística. A questão mais que nunca está colocada para cotejar opiniões e instigar a participação dos colegas.

Por que Criar Especialidades na Psicologia?

Os Conselhos de Psicologia vêm desenvolvendo esforços para o debate sobre criação de especialidade em Psicologia. A decisão é de Congresso e a organização para o debate está a cargo de um grupo de Conselhos Regionais, coordenados pelo CFP, que estão buscando ampliar o debate, incluir grupos interessados e ouvir entidades que congregam psicólogos que se dedicam a alguma "especialidade" na Psicologia.

O problema se coloca, hoje, visa como uma questão urgente. Alguns regionais, como o CRP do Paraná, já vêm desenvolvendo o debate há algum tempo. O esforço, hoje, é incluímos novos parceiros no debate e novos aspectos, dada a configuração que nosso mercado de trabalho vai tomando com as políticas neoliberais do governo.

Criar especialidades significa interferir no mercado de trabalho, trazendo novos critérios de seleção. Por isso, exige cautela, no sentido de criarmos critérios seguros e adequados para que os psicólogos apresentem melhores condições de

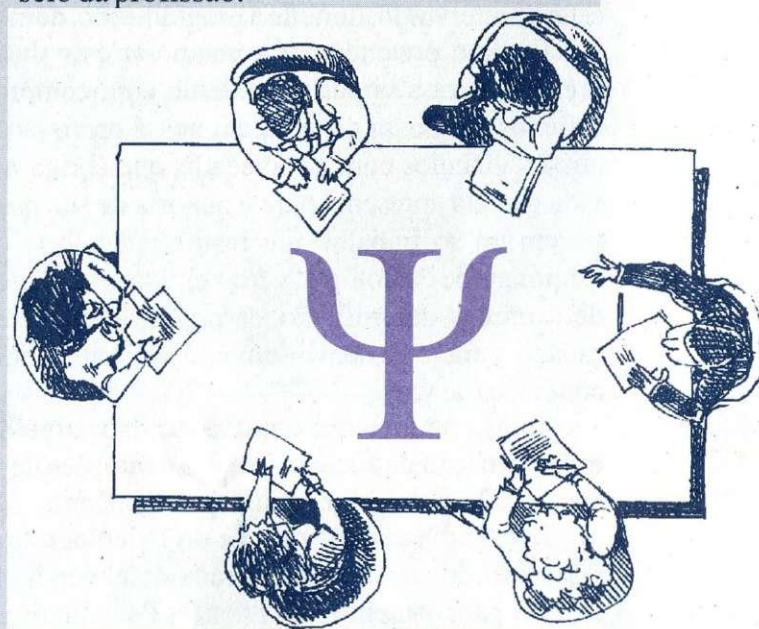
concorrer no mercado de trabalho.

A formação graduada, hoje, tende a ser mais superficial, formando um profissional com competências gerais para enfrentar o mercado. As especialidades trarão condições de formarmos competências mais específicas, que possam contribuir para respondermos mais adequadamente às demandas que se apresentam em nossas sociedade.

Não se pode criar especialidades debatendo a Psicologia isoladamente, como se ela não estivesse colada a uma sociedade, na qual políticas de saúde, de educação e políticas para o mercado são implantadas, pelos grupos dominantes, para a construção de uma determinada sociedade. Debater especialidade da Psicologia deve significar a escolha de um caminho para nossa profissão. Deve significar a escolha de um tipo de compromisso social com a sociedade que usufrui do nosso trabalho. Essa tarefa difícil só pode ser executada por muitos.

Incluir muitos interlocutores nesse

debate é nossa meta, pois, no momento em que o CFP, através de resolução específica, instituir na profissão as especialidades, é importante que elas sejam fruto de um amplo consenso no seio da profissão.



Já está criado um Grupo de Trabalho Nacional (GT)

Na última reunião deliberativa da APAF, de 26 a 28 de março deste ano, foi decidida a criação de um Grupo de Trabalho Nacional (GT) com a finalidade de encaminhar a questão dos registros de especialistas. No dia 27 de maio, em Salvador, BH, por ocasião do Encontro Integrador do Mercosul, o Grupo se reuniu com o propósito de estabelecer critérios e procedimentos para desencadear a discussão em todas as regiões. Como ponto de partida para as discussões, o GT propôs duas questões básicas: 1) como estabelecer as especialidades? Por linhas teóricas ou por tipo de intervenção? 2) quais práticas do Psicólogo são reconhecidas? O que diz o Código Brasileiro de Ocupações e que práticas são ensinadas nos cursos

universitários?

Como forma de encaminhamento da discussão e subsidiar o debate, o GT estabeleceu que fosse enviado a cada Conselho Regional um documento explicitando os critérios e as estratégias a serem adotados e um dossiê contendo: a documentação referente à situação das especialidades em outras categorias profissionais; as iniciativas adotadas pelos Regionais em relação ao tema; além da descrição das atribuições do Psicólogo, no Código Brasileiro de Ocupações e da documentação do Ministério da Educação referente ao assunto.

Além dessas providências, o GT sugeriu aos Regionais que fosse feito levantamento: dos profissionais reconhecidos com especialistas em sua área de atuação; dos

"formadores", tanto na área clínica quanto em instituições; dos professores das disciplinas profissionalizantes dos cursos universitários; dos cursos de Especialização existentes nas Universidades. Além do levantamento, o GT sugeriu ainda que fossem feitas reuniões com aqueles profissionais, professores e coordenadores de cursos com o propósito de construir coletivamente o que entendemos por "especialidades" na Psicologia, para definir se existe a necessidade e a conveniência de que seja criado o registro de Especialista.

No dia 3 de agosto, será realizada uma reunião telefônica dos membros, titulares e suplentes do GT, para troca de informações acerca do andamento do processo nas diferentes regiões e para estabelecer os passos futuros. A expectativa é que até outubro seja sistematizada a proposta a ser apresentada na reunião da APAF de dezembro.

Em Pauta

Uma Festa para 100 Mil Psicólogos

A **Festa Nacional do Dia do Psicólogo**, 27 de agosto próximo, das 9h às 12h, horário de Brasília, será transmitida a partir do auditório da Embratel, na capital Federal, e poderá ser captada por antenas parabólicas. Está prevista retransmissão por um *pool* de emissoras de TV a cabo. O evento, interativo e multimídia, terá sinal de imagem ao vivo, em cinco praças já confirmadas, além de Brasília: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Maceió, de onde os presidentes dos Regionais, membros da Diretoria do Conselho Federal, e outras personalidades estarão intervindo, durante a programação, com depoimentos, VTs e convidados.

E como pretendemos comemorar esse dia? Contribuindo para que os psicólogos possam se preparar para a virada do milênio com compromisso social. Acreditamos que é preciso dedicar esforços em nossa ciência, em nossa profissão e em nossa organização política para ampliarmos nossos vínculos com a sociedade, que abriga nosso trabalho, buscando melhorar as condições de vida que ela apresenta para a maioria de sua população. Somos profissionais da vida e precisamos ter em nosso trabalho um instrumento forte de luta por ela. Estarão conosco, na festa, os 15 Regionais de Psicologia, várias entidades brasileiras e da América Latina e Psicólogos que têm feito do exercício da profissão, da produção da ciência psicológica e da organização da categoria, um espaço para o desenvolvimento de um compromisso com a sociedade: a transformação das condições de vida.

Temos muito o que comemorar. Nos orgulhamos de nossa categoria que dedica seu trabalho à transformação da sociedade e das condições de vida de nossa população. Queremos que esta seja a marca da Psicologia no século que se iniciará.

A **Festa Nacional do Dia do Psicólogo** é a ocasião para a confraternização da categoria, um momento de encontro e de troca de experiências ou, simplesmente, de descontração e de rever colegas para comemorar juntos. Os Psicólogos poderão reunir-se para festejar em qualquer parte do País e participar, ao vivo, da atividade, graças aos recursos de multimídia, que permitirão envio de mensagens via e-mail, fax e telefone.

A programação abordará temas fundamentais para o exercício da Psicologia, na perspectiva do compromisso com a transformação social. Os caminhos da Psicologia, neste fim de século e no próximo, a atenção aos excluídos, que representam 2/3 da população brasileira, a produção de conhecimentos, terão destaque durante as três horas de transmissão, para além da apresentação de psicólogos que atuam em áreas voltadas para o atendimento a grupos sociais marginalizados. Durante a Festa, interativa e multimídia, será prestada, ainda, homenagem aos psicólogos que constroem a institucionalização da Psicologia.

Na ocasião será apresentada a nova Diretoria da Associação

Brasileira de Ensino de Psicologia, com destaque para o novo Regimento e Estatuto aprovados na assembléia realizada no último encontro em Salvador. Uma reflexão crítica sobre os 500 anos do descobrimento trará depoimentos e abordagens com opiniões divergentes em relação ao discurso oficial vigente. Membros de entidades representativas da Psicologia nos países do Mercosul também estarão enviando mensagens em VTs para os Psicólogos brasileiros.

Os participantes poderão interagir com os apresentadores por fax, e-mail, telefone, ou diretamente, nos auditórios das praças geradoras de sinal, ou ainda, assistir a emissão em algum auditório que disponha de telão ou TV a cabo, sintonizada com o sinal do evento. A transmissão, via satélite, será efetuada por transponder 6A1 na frequência 3910MHz, com polarização horizontal.

Maiores informações sobre locais de recepção das imagens e de participação interativa na Festa, poderão ser obtidas junto aos Conselhos Regionais de Psicologia ou no

www.psicologia-on-line.org.br





É Hora de Mudar

Cem mil Psicólogos preparam-se para a virada do século, reafirmando o compromisso com a sociedade e refletindo sobre a nossa realidade de exclusão social e de injustiça na distribuição das riquezas e das oportunidades.

Precisamos repensar muitos conceitos, tidos como consensuais. Precisamos ouvir a opinião dos habitantes das terras descobertas pelos portugueses, há 500 anos. O que têm eles para comemorar? Em muitos casos, apenas a indigência, a que foram lançados pela ganância desenfreada dos colonizadores.

Muitos Psicólogos transformaram esse compromisso em ações concretas junto aos segmentos excluídos da sociedade. São exemplos de engajamento social que serão apresentados a todos que vierem participar conosco dessa Festa, que pretendemos ser um marco na virada do século e das consciências.



100.000



Formação

Diretrizes Curriculares

Os psicólogos acompanharam ativamente o processo de construção das diretrizes curriculares para o ensino de Psicologia. Foram meses de trabalho da Comissão de Especialistas no Ensino da Psicologia do MEC/SESu e meses de trabalho das entidades (na maioria Universidades) que apresentaram suas propostas e visões sobre a formação do Psicólogo.

No mês de junho do corrente ano, as diretrizes, ainda em sua forma de minuta, foram apresentadas para um último debate entre professores, estudantes e psicólogos.

Reuniões aconteceram em diversas regiões, aglutinando interessados e propiciando a construção de novas respostas à

Comissão de Especialistas do MEC.

Agora, a forma final da proposta deverá ser construída por essa mesma comissão e o Conselho Nacional de Educação deverá apreciar as diretrizes, aprovando-as como referência para a construção dos currículos de cada escola.

O desafio está posto.

Seremos capazes de construir currículos que expressem nossa vontade de formar um psicólogo comprometido com o seu tempo e a sua sociedade? Psicólogos generalistas que possam responder às várias demandas que nossa sociedade nos coloca? Psicólogos que entendam a importância da pesquisa como fonte da transformação

permanente do conhecimento? Seremos capazes de pressionar nossas escolas para que seus currículos caminhem, com compromisso, nessa direção?

Está colocado o desafio. Agora é luta.

Uma coisa é importante ressaltar de tudo isto. O saldo de todo o processo das diretrizes curriculares é uma categoria envolvida com a formação de seus profissionais e organizada em uma nova entidade, que se dedicará a essa questão: a ABEP - Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. Com certeza, os psicólogos foram bem sucedidos e a categoria, suas entidades e a

Laudos Psicológicos

Os laudos psicológicos têm se mostrado um aspecto difícil no exercício profissional da Psicologia. Vários processos éticos abertos nos Conselhos

Regionais contra psicólogos envolvem laudos mal feitos, demonstrando dificuldades dos profissionais. Têm sido também questionados os laudos psicológicos de escolares, sendo motivo de debate e estudos na área da Psicologia escolar. Na área jurídica, os laudos têm sido considerados instrumentos importantes nas perícias. Mas têm sido também motivo de preocupação, pois têm se mostrado um ponto frágil, muitas vezes, no trabalho dos

psicólogos.

Preocupados com essas questões e buscando contribuir para o desenvolvimento de uma competência maior nessa área, o Conselho Federal de Psicologia, o Conselho Regional da 6ª Região (São Paulo), a ABRAPPEE - Associação Brasileira de Psicologia Educacional e Escolar e a Associação Brasileira de Psicologia Jurídica estarão, juntas, promovendo um ciclo de debates sobre os LAUDOS PSICOLÓGICOS. O primeiro debate será no dia 11 de agosto próximo, na sede do CRP de São Paulo, à Rua Arruda Alvim, n.º 89, Pinheiros, São Paulo - SP, às 20 horas e terá como tema: "LAUDOS PSICOLÓGICOS - Fontes Indiretas de Informação Sobre o Sujeito". O debate estará sendo gravado e as fitas de vídeo poderão ser adquiridas posteriormente junto às entidades promotoras do evento.

Vamos debater as questões delicadas de nosso exercício profissional para melhor qualificá-lo.



Carta de Uma Jovem Estudante Sérvia: Reflexões Sobre a Violência Política

Quinta-feira, 6 de Maio de 1999

Sou uma aluna da Faculdade de Arquitetura, Universidade de Belgrado, Iugoslávia. Passei momentos maravilhosos em Porto Alegre, no final de 1997.

Coisas terríveis estão acontecendo a mim e a meu povo (sérvio) e gostaria de contar o meu lado da estória. Meu povo está em má situação: de um lado, há nosso governo que de maneira alguma se preocupa com algo além de como resguardar sua própria posição. Nós não apoiamos este governo. Belgrado (a capital) não votou por ele. Sem dizer que estamos por muito, muito tempo, sob censura da mídia, e que nossas eleições nunca foram honestas. Em uma palavra - este governo NÃO FOI NOSSA ESCOLHA.

Do outro lado, estão os Estados Unidos (forças da OTAN), que estão determinados a destruir tudo que se puser em seu caminho. Vocês realmente acreditam que eles estão preocupados com os direitos humanos? A verdadeira razão para suas ações são: posição estratégica (espalhando-se pela parte leste da Europa, e criando "áreas de conflitos" no meio da Europa na tentativa de permanecer mais forte que a Comunidade Européia) assim como por razões econômicas (espalhando e vendendo no mercado as suas velhas armas).

Vocês sabiam que eles estão nos bombardeando com materiais radioativos que são produtos secundários da indústria nuclear?

Vocês sabiam que durante a guerra da Bósnia (país próximo à Iugoslávia), os Estados Unidos bombardearam aquele território e hoje as mulheres dessas áreas bombardeadas estão dando à luz bebês defeituosos?

Vocês ainda acreditam que eles estejam lutando pelos direitos humanos?

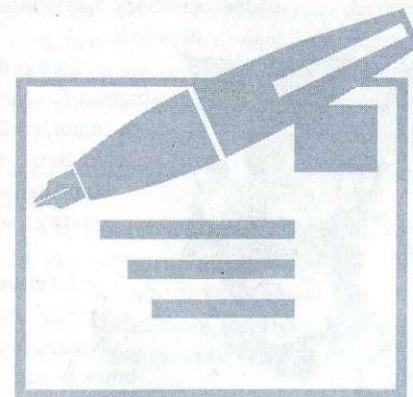
Nós estamos em uma terrível posição. Se eles estão lutando somente contra nosso governo, por que estão atacando civis? Será que realmente precisamos dessa agressão? Será que eles não têm nenhuma outra maneira de persuadir nosso presidente a negociar? Será que nós, civis, teremos que sofrer por causa de um governo errado de um lado e das vias agressivas dos Estados Unidos para conseguir seus objetivos estratégicos e econômicos por outro?

Nós só queremos viver nossas vidas normalmente. Trabalhar, nos divertir, constituir família, gerar crianças saudáveis. Somos pessoas normais, cansadas de tudo o que vem acontecendo por aqui nos últimos dez anos. Por favor, ajudem-nos espalhando pelo mundo o nosso lado desta estória. Conte isso a seus amigos no Brasil e em outros países. Qualquer coisa que vocês fizerem pode ser de grande ajuda. Ajudem-nos apenas refletindo. Lembrem-se que isso pode acontecer a qualquer nação pobre. O mundo não deve ser uma selva.

Obrigada pelo seu tempo.

Sinceramente,

Marija Marjanovic



Nosso Ponto de Vista

A grande imprensa, ao descrever os bombardeios da Iugoslávia, pelas forças da OTAN, como resposta à política de genocídio executada pelo governo de Milosevic, preocupa-se exclusivamente com a eficiência militar do ataque aéreo e com os eventuais erros técnicos na escolha de seus alvos, que lamentavelmente produzem vítimas inocentes, sem se deter na análise das concepções sobre as relações entre os povos e o direito internacional, concepções implícitas neste tipo de intervenção.

A carta de Marija Marjonovic, em sua angústia concreta, na sua descrição simples dos anseios quotidianos de uma população, recoloca, em toda sua crueza o problema do recurso da violência a fim de resolver problemas produzidos pela violência. Com que direito, pergunta Marija, a OTAN, uma organização militar que traduz interesses políticos e econômicos das Nações que a constituem, se arroga o poder superior de intervir violentamente no seu país?

Frente a esta pergunta pode se pensar que a intervenção da OTAN parece ser guiada não só pelos seus interesses políticos e econômicos na região, mas pela selvageria da Lei de Talião, lógica que quando utilizada traduz estúpidos sentimentos de vingança. Isto termina por igualar o pretendido justiceiro com o justicado na determinação de uma política de extermínio dos diferentes.

Nós e a informática

Sexo Virtual:

Uma Nova Fórmula para um Velho Problema

A expressão da sexualidade procura, e encontra, os mais diferentes caminhos para ocorrer quando existe algum entrave ou dificuldade nos meios comuns mais conhecidos ou considerados mais adequados. Este sempre foi o longo caminho das parafilias: um caminho para solucionar as impossibilidades individuais para obtenção de gratificação sexual, na impossibilidade de encontrá-la da maneira socialmente designada. Com o advento do telefone, um desenvolvimento tecnológico, apareceram as pessoas que obtinham excitação e prazer com os "telefonemas obscenos" ou aquelas que alcançavam as mesmas emoções consensualmente com outras pessoas. Nas últimas duas décadas a institucionalização ocorreu com o "tele sexo" multiplicado em todos os países.



Com o desenvolvimento de novas tecnologias, novas formas de expressão sexual sempre surgirão. É o que ocorreu com a informática e a comunicação via computadores. A princípio um meio de comunicação, passou, paulatinamente, a ser um meio de expressão de emoções e afetos e hoje tem sido fonte de expressões da sexualidade entre muitas pessoas em todo o mundo. Com os computadores interligados por meio da Internet, temos meio tecnológico recente que, para muitas práticas, substitui revistas, livros e o telefone para obtenção de gratificação sexual.

Um uso tranqüilo deste mecanismo é poder conhecer pessoas e "conversar" para estabelecer uma possibilidade de relacionamento a dois. Os computadores e a Internet servem para estreitar o espaço entre as pessoas e permite relacionamentos a partir deste conhecer-se. Nem sempre isto ocorre da melhor maneira; muitas pessoas não se apresentam como de fato são umas às outras através da telinha do monitor do computador; muitas pessoas apresentam-se em fantasia e fantasiam o que desejam e necessitam. Embora seja um fantástico meio de comunicação que não necessita da aproximação física, permite, também, a expressão mais fácil de psicopatologias e manutenção de dificuldades de relacionamento e de problemas de autoimagem.

Através dos "Chats", "salas virtuais de conversação" ou alguns programas especiais (IRC/ICQ) as pessoas se encontram em "locais" que permite aos participantes "conversarem" através de mensagens escritas, cada qual de seu próprio computador, estando a quilômetros de distância um do outro, e mantendo anonimato quanto à verdadeira identidade. A visualização do outro já é possível desde que ambos tenham uma câmera de vídeo acoplada ao seu equipamento. Mas os computadores e a Internet têm usos sexuais mais específicos para muitas pessoas.

Usos sexuais da Internet

As necessidades relacionadas à sexualidade têm impulsionado as pessoas a descobrirem usos especiais e diferenciados para a Internet. A maioria dos usos sexuais da Internet visa à estimulação, à excitação sexual para posterior ou concomitante autoerotização, objetivando gratificação sexual. Existem aqueles que estão à busca de informações que possam auxiliar a solucionar problemas relacionados à sexualidade. Geralmente escondidos por um endereço eletrônico que não permite ser encontrado, estas pessoas buscam "consultas virtuais" e encontram muitos sites nos quais é possível perguntar e tirar dúvidas sobre questões sexuais, geralmente feitos através de e-mail. Muitos, porém, na tentativa de manter seu anonimato, por medo e vergonha ou até características psicopatológicas, procuram estimular profissionais a produzirem uma "psyberterapia" o que conduz a problemas éticos e questões profissionais discutíveis.

O uso mais notável e difundido pela Internet associa-se a Erotismo e Pornografia. A maior busca na Internet referente à sexualidade ocorre nos

- ☞ sites com fotos e vídeos
- ☞ sites das revistas eróticas
- ☞ sites com contos, histórias e outros materiais escritos
- ☞ sites que transmitem ao vivo pessoas em atividades sexuais como se fosse um canal e televisão; pode permitir interação, com intervenção da pessoa que assiste solicitando atos da pessoa que aparece na tela do computador;
- ☞ classificados eróticos – igual a um jornal ou mural com avisos;

Geralmente os serviços são cobrados por unidade ou tempo de uso; alguns oferecem amostras grátis para estimular o comprador. Outra forma específica de expressão sexual que tem sido estimulada pela Internet e computadores são as parafilias. As formas diferentes, variando do menos comum ao patológico, têm na Internet a garantia do anonimato e permite o encontro dos iguais com uma facilidade que até então não tinha como ocorrer.

Qualquer parafilia pode ser estimulada através da Internet por meio de histórias e fotos. O voyeurismo e o exibicionismo têm sido mais fortalecidos com a possibilidade de troca de fotos e a manutenção delas em determinados endereços virtuais. As parafilias ilegais têm encontrado refúgio no anonimato da Internet, a exemplo da pedofilia. Este é um meio seguro para estas práticas ilícitas: trocas de fotos ilegais de modo anônimo.

Existe uma mudança de hábitos e uma sobrevalorização de determinados comportamentos sexuais com o desenvolvimento da tecnologia em informática. Os hábitos diversificam-se ou se intensificam, mas não são tão diferentes dos que pré existem a esta tecnologia. São novas formas de se enfrentar problemas antigos: na busca do prazer sempre encontramos novas saídas quando as velhas fórmulas não estão permitindo facilmente encontrarmos o prazer.



Internautas

Clique em <http://www.here.at/ps> e caia num jornal recém criado sobre Psicologia.

O FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) disponibilizou na Internet as Normas para Assistência Financeira de 1999, apresentando um conjunto de critérios e parâmetros que orientam órgão ou entidades federais, estaduais e municipais de educação, além de organizações não-governamentais (ONGs), a formularem projetos para obtenção de recursos que financiem ações voltadas para o ensino pré-escolar, fundamental, indígena, jovens e adultos e ensino especial. Os interessados podem buscar maiores informações em <http://www.fn.de.gov.br>.

Para conhecer a página da SOBAPHE (Instituto de Ensino e Formação em Psicologia Existencial e Análise do Existir) é só acessar <http://www.angelfire.com/sc/sobraphe>.

O site do Núcleo de Pesquisas em Informática, Linguística e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina disponibiliza obras clássicas da literatura brasileira para leitura online e download, além de estudos sobre hipertexto, linguística e poesia multimídia. A visita é obrigatória:

<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>.

A revista Rede Psi tem artigos interessantes, links, chat, fórum, agenda e outros atrativos. A navegação é fácil. Confira: <http://redepsi.sti.com.br/>.

Prevenção começa com informação! Em abril o DEFNET completou 03 anos de Internet. Para comemorar, foi apresentado um site de cara nova. Vale a pena conferir. O endereço é <http://www.defnet.org.br>.

No site <http://www.projativa.com.br>, os psicólogos podem encontrar vários programas para levantamento de testes psicológicos projetivos (Bender, Wartegg, Lüscher, Rorschach, Zulliger, Grafológico, Palográfico, Pfister, Figura Humana e HTP). Além desses, há referências a programas para bancos de dados independentes, tão necessários hoje em dia. Este site permite download de demonstração (tempo médio: 22 minutos, para 4,38 MB zipados). O download é o mesmo aplicativo básico (o ambiente da linguagem Visual Basic + editor de textos + planilha de banco de dados dos levantamentos feitos + arquivos de ajuda + interfaces iniciais de navegação) no qual são instalados os executáveis específicos de cada teste. Todas as informações necessárias estão cuidadosamente apresentadas no site e o contato do usuário é resolvido, como de costume, via formulário, simples de preencher.

Se você quer saber mais sobre psicanálise e está conectado na Internet, ficou muito fácil. Basta navegar em <http://www.roadnet.br/s/ecl> para ler a Revista de Psicanálise, uma publicação da SBPH.

Economia & Balanço

Globalização e Trabalho: Novo Paradigma ou Nova Roupagem?

Odair Furtado (Prof. Dr. do Depto de Psicologia Social da PUC-SP, Coordenador da Regional São Paulo da UNITRABALHO e Vice-Presidente do CRP-06)

Muito tem se falado sobre os novos tempos de economia globalizada e sobre o fim do trabalho. Muito se fala, mas pouco se explica o fenômeno que ocorre com a produção e suas conseqüências no campo da subjetividade.

Em primeiro lugar vamos colocar o guizo no gato. É o acirramento da concorrência mundial entre as empresas de capital multinacional o que nos leva a aquilo que se convencionou chamar de "globalização" da economia e que produz, como efeito no Brasil, o fenômeno da reestruturação produtiva (particularmente na indústria automotiva). Para Emir Sader, e concordo com ele, a palavra globalização é redutiva e aponta somente para uma das tendências da divisão do trabalho: a da internacionalização da produção. Na realidade, diz Sader, prefiro a expressão *nova divisão internacional do trabalho*, porque ela permite incorporar todas as tendências contraditórias desse processo e não apenas uma visão unilateral, que privilegia uma delas.

A questão é ainda mais complexa porque não se resume somente à questão da nova divisão do trabalho. Para alguns autores, nos diz Márcio Pochmann, o desemprego no Brasil decorre de uma herança histórica de continuado abandono pelas políticas de industrialização, que foram conduzidas sem a realização de reformas clássicas do capitalismo moderno, como na estrutura agrária, na construção do Estado de bem estar social, entre outras. De outro lado, a dimensão estrutural do desemprego no Brasil decorreria também do abandono do projeto de industrialização, da crise dos anos oitenta e do processo abrupto de abertura comercial e de reestruturação empresarial em curso nos anos noventa (Pochmann, 1997). A combinação de fatores de ordem estrutural e conjuntural (atual política neoliberal do Governo Federal) tem propiciado o desaparecimento de postos de trabalho e o incremento do setor informal como alternativa de trabalho para os trabalhadores que estão perdendo os cargos na indústria.

Esta é a realidade enfrentada pelo trabalhador metalúrgico hoje em dia e é razoável pensarmos que o fenômeno é fator de mudança no nível de consciência do operário. Há uma reconfiguração do quadro subjetivo frente à nova realidade vivida. Durante a década de 70, o operário tinha uma clara noção de carreira metalúrgica (o modelo taylorista-fordista lhe dava essa segurança). Ingressava na fábrica pelos cargos não-especializados e no decorrer dos anos iam se especializando e crescendo na hierarquia profissional. O não-especializado ambicionava a baixa especialização, o de baixa especialização ambicionava a alta especialização e, finalmente, o operário de elite aspirava a condição de proprietário de uma pequena fábrica (no fundo de seu quintal). Havia um quadro de expectativa e de certa esperança. Mesmo que não houvesse lugar para todos, os cargos existentes eram suficientes para manter a expectativa do trabalhador. Em estudos que realizamos no início dos anos 90 notamos que os operários entrevistados não temiam o desemprego e tinham como preocupação central o futuro dos filhos. A maior ou menor dificuldade para consumir objetos e serviços era a tônica do momento.

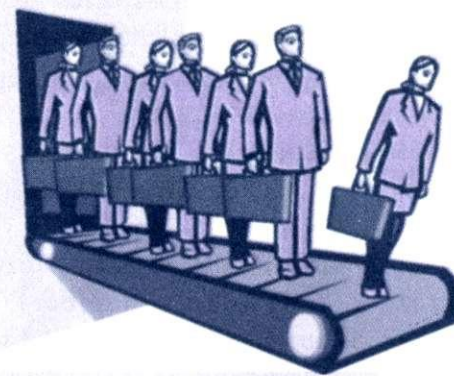
A experiência hoje com o trabalhador metalúrgico é de outra ordem. Um forte sinal destes novos tempos pode ser verificado através da alternativa proposta pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT - CNM/CUT e do desdobramento da proposta no campo das novas relações sindicais. Desde o ano de 1996 a CNM/CUT vem desenvolvendo uma experiência no campo da qualificação e requalificação profissional que é o **Programa Integrar**, voltado para metalúrgicos desempregados com idade entre 25 e 45 anos.

A situação de emprego/desemprego no setor metalúrgico leva à construção de uma nova representação sobre a estabilidade e perspectivas de futuro na profissão (as condições subjetivas que mencionamos). Neste sentido, o trabalhador desempregado representa, em termos metodológicos, o momento crítico da construção dessa nova representação. Um fato curioso marca para nós a nova configuração: conversando com alunos de uma das classes do **Programa Integrar**, ouvimos de um aluno que ele estava desempregado há dois anos. Ao perguntarmos quantos estavam empregados nos surpreendemos quando o aluno que se declarava desempregado afirmou que tinha carteira assinada. Ao ser indagado sobre o fato ele justificou que o emprego atual não era na sua especialidade metalúrgica e que, como metalúrgico ele estava desempregado. Neste caso, a realidade demonstra que a alternativa está se transformando em solução e a despeito da nova atividade o trabalhador em questão procura manter congelado o papel que já não desempenha. O valor atribuído à condição de metalúrgico, é a condição de manutenção da identidade deste trabalhador. O mesmo ocorre, de certa forma, com um taxista por nós entrevistado. Este taxista fez um acordo com a Volkswagen do Brasil e foi incluído no Plano de Demissão Voluntária. Com a indenização comprou o veículo para trabalhar na praça. Entretanto, todo o seu discurso é ressentido. Sente-se traído pela empresa. Diz que fez, pouco antes do acordo, curso de especialização patrocinado pela própria empresa e que não se conforma com a forma como um operário tão especializado pode ser considerado "peça descartável". Já procurou emprego na Mercedes Bens, mas sua idade (40 anos) está fora do padrão da empresa. A condição de motorista não valoriza sua especialização e ao mesmo tempo não remunera de acordo com sua expectativa (além de exigir uma dedicação de tempo muito maior). Resta a ele relatar o orgulho que tinha da condição de metalúrgico especializado que já não existe mais.

Outra história: a presença de mulheres nos cursos do Projeto Integrar que eram metalúrgicas há 10 ou 15 anos atrás e estão afastadas das fábricas por todo este período. Tais mulheres buscam a qualificação profissional como forma de retornarem ao mercado de trabalho. Algumas, depois da separação do marido (em alguns casos a crise familiar é fruto do desgaste produzido pelo desemprego), passaram à condição de chefe da família. Outras procuram essa saída frente ao desânimo do marido que não consegue emprego. Importante notar que várias destas mulheres respondem a um inquérito sobre saúde do trabalhador desempregado, que tem a sensação de que não há nada que valha a pena. O curso representa uma saída momentânea, um recurso contra a total desesperança,

mas não é solução segura para um novo emprego.

Se não há emprego, se a alternativa de trabalho que se oferece ao metalúrgico desempregado não condiz com a representação que ele faz da profissão (a alternativa oferecida pelo mercado é o trabalho em construção civil ou a venda de objetos de ocasião - é o que o se chama de "bico"), qual é a alternativa possível? A CNM-CUT, através do **Programa Integrar**, tem apontado para ações no campo da cidadania com o seguinte norte: incentivar os alunos à participação, onde for possível, nas Comissões Municipais de Emprego; construir propostas para prefeituras no sentido de constituir programas de geração de renda e emprego; participar dos grupos de orçamento participativo (nas cidades onde eles ocorrem) afim de garantir verba para programas de geração de emprego e renda; construir alternativa de auto-emprego através de projetos de



economia solidária.

Por fim, o breve estudo também aponta para a plasticidade da consciência, estritamente da consciência psicológica (evitando aqui o termo consciência de classe), que se configura a partir da relação concreta com a realidade. Por um lado, como derivado direto da crise de emprego temos, o adoecimento do trabalhador, que se dá pela falta de compreensão do processo que está vivendo, porque a explicação mais razoável personaliza o efeito do desemprego no próprio trabalhador levando-o a se representar como incompetente ou como figura descartável e desatualizada. O adoecimento se apresenta geralmente na forma de quadro depressivo, que leva o trabalhador à paralisia (a vergonha de sair de casa, a vergonha da pecha de vagabundo). Um recurso típico é o álcool e daí advém um outro problema - o alcoolismo. Por outro lado, a alternativa da organização leva o trabalhador a compreender o processo que gera o desemprego e também o leva a buscar concretamente uma solução para sua situação de vida. O Projeto Integrar representa essa alternativa porque leva esse trabalhador a reconfigurar tais representações, a enxergar a realidade com outros olhos e permite que o trabalhador escape do processo auto destrutivo resgatando o seu papel de sujeito da história.

Pochmann, Márcio *Políticas de Emprego e Renda no Brasil: algumas considerações in Bogus, L & Paulino, A Y Políticas de Emprego, Políticas de População e Direitos Sociais. São Paulo, EDUC, 1997.*

Sader, Emir *Direitos e Cidadania na Era da "Globalização" in Bogus, L & Paulino, A Y Políticas de Emprego, Políticas de População e Direitos Sociais. São Paulo, EDUC, 1997.*

Repercussão

Resolução Sobre Orientação Sexual Tem Aprovação Internacional

Em 23 de março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia publicou uma resolução (resolução 01/99) que estabeleceu normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Veja algumas repercussões

Ninguém poderia imaginar a repercussão da resolução. Começaram a "chover" manifestações de psicólogos e outros profissionais brasileiros e do exterior, parabenizando o CFP pela posição adotada.

Os meios de comunicação interessaram-se pelo assunto e vieram a uma "coletiva" onde estavam presentes a presidente do CFP, uma representante do grupo que fez a redação original da resolução e conselheiros do CRP de São Paulo, inclusive sua presidente.

O CFP deu autorização para que uma entidade do Canadá traduzisse a resolução para o francês com a finalidade de divulgá-la. Manifestações da Austrália, da França, dos EUA e de muitas outras partes, chegaram a nós. Grupos organizados de homossexuais sentiram-se respeitados pela resolução e não paravam de enviar seus apoios ao CFP.

Algumas poucas manifestações contrárias à resolução também foram recebidas. Grupos de profissionais ligados a entidades religiosas manifestaram sua preocupação, na medida em que entendiam que a resolução os impedia de manterem seus atendimentos a pessoas homossexuais que a eles recorrem em busca de apoio.

Algumas repercussões desfavoráveis à Resolução parecem ter sido inspiradas mais de pré julgamentos do que propriamente do texto publicado. Vejamos o que diz o texto da medida.

O Art. 1º define que os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade. O Art. 2º prevê que os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. O Art. 3º parece ser o cerne da questão ao colocar que os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva

tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham **tratamento e cura** das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação a o s homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

O C F P t e m respondido e se colocado a disposição para o debate sobre a resolução. Mas, tem a convicção de que a medida foi absolutamente correta. Representou a vontade e o avanço dos psicólogos. Representou o compromisso dos psicólogos com o fim das discriminações e preconceitos sociais em relação à orientação sexual das pessoas.

A resolução não pretendeu jamais impedir que os psicólogos continuem trabalhando com pessoas, abordando seus conflitos e sofrimentos produzidos pela orientação sexual. Homossexuais e heterossexuais, com certeza, continuarão encontrando nos psicólogos uma possibilidade de busca de uma situação psicológica mais satisfatória, no que se refere à sua relação com sua própria orientação sexual. Mas, não estaremos mais, como categoria, nos colocando como profissionais que "curam" a homossexualidade. Isto está proibido.

O CFP pretendeu colocar os psicólogos

...não estaremos mais, como categoria, nos colocando como profissionais que "curam" a homossexualidade. Isto está proibido.

no patamar das novas concepções sobre a homossexualidade, patamar esse que os próprios psicólogos ajudaram a construir. O CFP pretendeu colocar os psicólogos, de forma declarada, na luta contra os preconceitos sociais. O CFP pretendeu demarcar o exercício profissional como um campo leigo, diretamente fundamentado nas construções da ciência psicológica. As demarcações estão



Eventos

Psicologia e Problemas Humanos - Ambientais
02/08 a 22/09/99
COGEAE
Tel. 0xx11 38733155
<http://cogeae.pucsp.br>

I Curso de Especialização em Neuropsicologia
06/08
Hospital das Clínicas/SP
Telefax. 0xx11 3069 6459

Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho
16 e 17/08 Porto Alegre/RS
Tel. 0xx 51 332 9293
www.racional.com.br

V Curso Regionalizado de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva
09 a 27/08 Rio de Janeiro/RJ
Tel. (0xx 21 568 0599
<http://www.ims.uerj.br>
sexgen@uerj.br

II Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar
19 a 21/08 Belo Horizonte/MG
Tel. 0xx31 227 8544
mnaner@netland.com.br

Curso Pensamento Sistêmico - Implicações nas diversas áreas profissionais
21/08 Belo Horizonte/MG
Tel. 0xx31 296 5464

Relato de Experiência: "Desenvolvimento do Projeto Moradia": A Potência transformadora do cotidiano
27/08 São Paulo/SP
Tel.: 0xx11 864-2330
3676-1513

Congreso Mundial 1999 de La Federación Mundial de Salud Mental "Interfases en Salud Mental: Pobreza, Calidad de Vida y Sociedad"
05 a 10/09 Santiago/Chile
Fonefax. 56-41-312799
56-2-7778051

Cinema, Psicanálise e Cultura - exibição de filmes e reflexões psicanalíticas
11/09 São Paulo/SP
Tel. 0xx11 864 2330 3865 0017

1º Congresso Internacional Desenvolvimento Humano - Abordagens Histórico-Culturais 16 a 18/09 São Paulo/SP
Tel.: 0xx11 6914-4488 R.2039/2033
dri@server.smarcos.br
<http://www.smarcos.br>

Fórum Drogas: Um Fenômeno Social?
16 a 18/09
Belo Horizonte/MG
Tel. 0xx31 412 3205
cae@newtonpaiva.br

I Congresso Brasileiro de Dinâmica Interpessoal e V Semana de Dinâmica dos Grupos
16 a 18/09
Porto Alegre/RS
Tel. 0xx11 226-4346

IV Encontro Nacional do Movimento da Luta Antimanicomial
22 a 26/09
Maceió/AL farias@sunnet.com.br
crp15@sunnet.com.br
Tel. 0XX 82 981-6508

X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social
08 a 12/10 São Paulo/SP
Tel. 0xx11 263 5695

II Seminário Internacional de Ciências do Movimento Humano & IV Seminário Internacional de Psicologia do Exercício & Esporte
20 a 23/10 Porto Alegre/RS
Telefax. 0xx51 315 7036
bennojr@voyager.com.br
www.voyager.com.br/fisicas/bennojr/hp1.htm

V Congresso Internacional "Problemas Sociais: Os Desafios da Ciência para a Ação Comunitária"
25 a 30/10 São Paulo/SP
Tel. 0xx11 205 0099 - R. 237
congresso@unicastelo.br

16º Congresso Brasileiro de Psiquiatria
28 a 31/10 São Paulo/SP
Tel. 0xx 11 284 1511
uniprom@unisys.com.br

XXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia
28 a 31/10 Ribeirão Preto/SP
Tel. 0xx16 625 9366
sbp@netsite.com.br

Convencion Intercontinental de Psicologia y Ciencias Humanas "Crecimiento Humano y Diversidad" Hominis'99
01 al 05/11 La Habana/Cuba
Tel. 70-4717 / 70-5842
arias@karin.fmq.uh.edu.cu

III Taller Internacional de Psicología Latinoamericana y Caribeña
16 a 19/11 Santiago de Cuba
Tel. 53 226 42004
psico@csh.uo.edu.cu

Revistas

- **Revista do Departamento de Psicologia UFF** Vol. 8 Vol. 3, Set. a Dez./1996 e Vol. 9 N° 1, 2 e 3, Jan. a Telefax. 0997 70 5194, ramal 221
- **Revista Ciências Humanas Universidade Gama Filho** Vol. 21 N° 1, Jun./1998
Tel: 021 599 7140
- **Matrizes Curriculares de Referência para o SAEB / Maria Inês Gomes de Sá Pestana et al. - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP/MEC -** 2º ed., Brasília, 1999
Tel: 061 226 8415 - E-mail: censo@inep.gov.br
- **Sinopse Estatística da Educação Básica: Censo Escolar 98 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP/MEC - Brasília, 1999**
Tel: 061 226 8415 - E-mail: censo@inep.gov.br
- **Censo do Professor 1997: Perfil dos Docentes de Educação Básica / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP/MEC - Brasília, 1999**
Tel: 061 226 8415 - E-mail: censo@inep.gov.br

Livros

- **Orientação Sexual: Conscientização, Necessidade, Realidade**
- **Orgasmo Sentimental**
Motta, Joaquim Z. B.
Iglu Editora, São Paulo, 1995
Fone 011 813 4307
- **BFM-1 Bateria de Funções Mentais para Motorista: testes de atenção**
Tonglet, Emílio Carlos
Vetor Editora, São Paulo, 1999
Fone: 011 283 5225 E-mail: vetor@virtual-net.com.br
- **Ensino de Psicologia**
Witter, Carla (Org.) Editora Alínea, Campinas, 1999
Fone: 019 232 9340
- **Socorro, Doutor! Atrás da barriga tem gente**
Ávils, Angela M. Amancio de
Editora Atheneu, Rio de Janeiro, 1999
Fone: 0800 267753

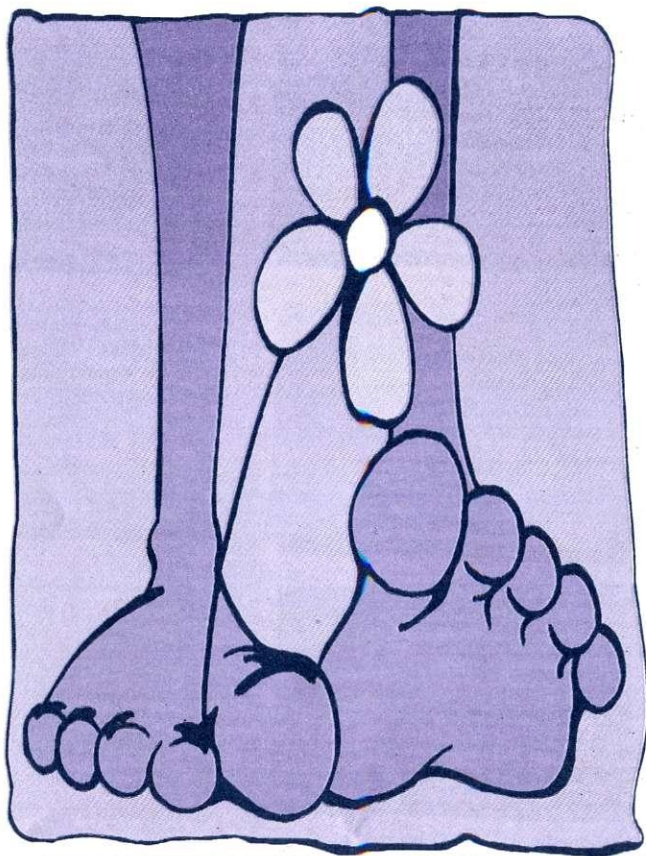
NÃO PERCA

IV Encontro Nacional da Luta Antimanicomial

<http://www.movimentoantimanicomial.org>

é o site na Sunnet sobre o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial. Há informações a respeito da história, eventos, jornal de organizações, núcleos e experiências assistenciais. O IV Encontro Nacional, marcado para setembro em Alagoas, também está detalhado neste site.

Linguagens



Meninos

*No silêncio do meu ser
Me pergunto, brigo
E não encontro a resposta
De tanta dor, desses meninos
Meninos sem cor,
Meninos amarelados,
Que continuam a pedir com seus olhares lânguidos,
Um pouco de nosso olhar,
Que temos medo de ver
Os nossos meninos internos,
Abandonados...*

*Dedicado aos meninos de rua
Angela Guarilha
23/06/1999*

Poema de Vida e Morte

Dizer é viver
Calar é morrer
Falar é expressar
Manifestar idéias...
Digo quando sinto
pulso, vivo...

Não poder dizer é sufoco
é massacre... é tortura... é morte
A mordança é corrente
que aprisiona, que sufoca,
que oprime

Deixe-me dizer
Deixe-me viver

Quando digo sei que existo
Quando calo, me anulo
Tudo fica obscuro
Se não manifesto
Não sei se sou

Não poder ser é clausura,
dor, morte, angústia imensa

Se digo, vivo
Sei que sou,
sei que sei ou que não sei
Mas sei que existo e
poderei ousar... ir além

Está escrito: "no princípio era o verbo..."
E não fosse o verbo nada seria

Deixe-me falar
Deixe-me viver
Deixe-me ser o que sou
Ou deixe-me tão somente.

Ana Aparecida
Rodrigues Bezerra
CRP 06 / São Paulo

Aos psicólogos poetas artistas, fotógrafos, e
delirantes: mandem o seu ensaio estético para
Linguagens.